A Revista ELECTRICIDADE e o seu Fundador

Dr. Eng.º Hermínio Duarte-Ramos

Director da Revista ELECTRICIDADE

O Prof. Ferreira Dias é considerado o grande dinamizador da industrialização em Portugal a partir da electricidade. Viveu activamente na época da passagem da força mecânica para a força eléctrica como motor das actividades industriais.

O pensamento electromecânico representa uma transição entre os conceitos tradicionais do século passado e a actual busca de soluções puramente electrónicas em muitas acções electromecânicas. Mas, obviamente, continua a ser importante a comparticipação dos equipamentos de potência com actuação electromecânica, integráveis em sistemas alargados por meio dos respectivos circuitos electrónicos de comando e regulação ou monitorização e diagnóstico.

A base do desenvolvimento que se tem verificado nas últimas décadas reside na energia eléctrica. E Ferreira Dias deu o impulso necessário à completa electrificação do País, produzindo a electricidade com os recursos naturais mais rentáveis e

distribuindo esse «fluido» eléctrico por todo o território continental.

A sua actuação reparitiu-se fundamentalmente por três áreas, que se conjugaram no resultado comum da electrificação de Portugal: no ensino universitário, como catedrático do Instituto Superior Técnico; engenheiro electrotécnico com actividades industrial, como presidente administrativo da CPE (Companhia Portuguesa de Electricidade), antecessora da EDP; e como político economista, sobraçando a pasta do Ministério da Economia, após reconhecidos contributos em pareceres solicitados pelos organismos oficiais dos serviços eléctricos.

Resolveu a EDP-Electricidade de Portugal, em conjunto com o Metropolitano de Lisboa, a Universidade Técnica de Lisboa (IST e ISEC) e a Ordem dos Engenheiros, promover um ciclo de homenagens ao Professor Ferreira Dias em 1991-92. Neste conjunto de iniciativas insere-se a reedição do livro *Linha de*

Rumo Vol. I e a edição original do Vol. II, além dos *Dispersos* com artigos, conferências e discursos. Mas a primeira obra que veio a público foi o livro *In Memoriam J. N. Ferreira Dias Jr.*, lançado no Museu da Electricidade no dia 23 de Maio de 1991.

Nele se apresentam opiniões e recordações de alguns dos que directamente conviveram no trabalho com Ferreira Dias, aflorando as perspectivas do professor e pedagogo, o homem da electricidade nacional e o apóstolo da industrialização.

São dignas de leitura, estas páginas afortunadamente impressas. Por seu intermédio ficam as novas gerações a conhecer um dos nomes mais referidos no âmbito da Engenharia Electrotécnica: o porquê e o como, através das impressões deixadas pelo Homem na memória do tempo.

Merece menção particular o depoimento do Eng. Ferreira do Amaral, que consigo conviveu grande parte do processo

evolutivo e muitas vezes me contou, aqui na redacção da ELECTRICIDADE, quando era seu Director, como na realidade se efectivaram as grandes decisões. Tenho lamentado não ter feito o registo dessas declarações, mas elas aí aparecem agora na prosa pitoresca de Ferreira do Amaral.

Para mim foi extremamente feliz a leitura ávida a que procedi logo que recebi o livro na mão. Havia alguns motivos que me animavam nessa ansiedade. É que fui contemporâneo da actividade do Prof. Ferreira Dias e estou conscientemente inserido no contexto da obra que deixou na sua passagem, quer pela engenharia de alta tensão, quer pelo ensino superior.

Por isso resolvi anexar um breve depoimento à leitura desse *In Memoriam*. De facto, parece-me que falta dizer algo muito importante e que ficou calado: a compreensão do Prof. Ferreira Dias pelo valor da difusão do saber.

Fui estudante no Curso de Engenharia Electrotécnica no IST. Quando frequentei as cadeiras do Prof. Ferreira Dias decorria o período das suas funções ministeriais.

Por isso, as «Aplicações de Electricidade» foram-me ensinadas pelo Prof. Domingos Moura

seu Assistente na altura e que deu continuidade aos seus objectivos. O tratamento básico das lições seguiu o rumo contido nos livros publicados pelo catedrático das respectivas matérias, excepto num ou noutra caso de relevante actualização.

Assim, apenas contactei com o Prof. Ferreira Dias uma vez, anos mais tarde, quando eu já havia concluído o curso e o professor tinha regressado à sua casa universitária. Recordo-me perfeitamente da ocasião: quando num dos anfiteatros do pavilhão central do IST proferiu uma conferência, a pedido dos estudantes, com o título *Rumos de um Electrotécnico de Correntes Fortes*, no dia 16 de Maio de 1966.

Já aí se desenhava a apetência dos jovens pelas «correntes fracas», que incluíam no seu conteúdo as telecomunicações e a electrónica aplicada. Lembro-me do seu desabafo de compreensão pela «fada electrónica», mas que no seu entender seria uma «moda», e, como tal, um encantamento passageiro. Não chegou a viver o suficiente para se aperceber da pujança introduzida no início dos anos 70 pelas tecnologias de informação, retiradas da varinha dessa «fada» e que hoje em dia interligam as suas «correntes fortes» às «correntes fracas», num conjunto sistémico inseparável.

Depois de ter ouvido atentamente o orador, pois dom de palavra não lhe faltava, tanto mais arrebatedor quanto era certo que a sua bela fraseologia assentava num fundo de sabedoria bem vivido, acerquei-me do círculo de retardatários que ficaram a escutar-lhe os ditos informais. E cheguei a falar-lhe: que não fora seu aluno, mas muito aprendera pelos seus livros. E para me situar disse-lhe que havia pouco tempo entregara o relatório do terceiro estágio, efectuado em França, na casa Delle, sobre disjuntores de corte em pequeno volume de óleo. Mal acabei de dizer isto, respondeu-me frontalmente: «Olhe que não me ensinou nada». Percebi que as minhas intenções de produzir um documento tecnológico actualizado sobre o fenómeno de corte em alta tensão o haviam impressionado. O seu cuidado veio ao de cima: iria reestruturar as suas antigas «folhas» de «material de equipamento e manobra».

Este facto revela duas preocupações raras, que convém evidenciar. A primeira diz respeito ao seu encanto pela escrita e na transmissão do saber por meio de livros, publicados e portanto sujeitos a qualquer crítica, mas que constituem um excelente referencial no estudo dos estudantes de Engenharia. A segunda refere-se à extensão dessa motivação

aos outros, criando um veículo de difusão chamado revista *ELECTRICIDADE*.

Como tive a honra de assumir a responsabilidade de continuar a publicação deste periódico para engenheiros que se movimentam nas áreas científicas tecnológicas da electricidade, não posso deixar de dar o meu testemunho com base nas linhas que li nestas páginas onde a pena do Prof. Ferreira Dias deixou marca.

Em resumo, encontram-se as seguintes referências bibliográficas:

- *Apresentação*, *ELECTRICIDADE*, número 0, Nov. 1956, ps. 11-12
- *A Energia e as suas perspectivas actuais*, *ELECTRICIDADE* N.º 1, Jan.-Março 1957, ps. 10-24
- *II Plano de Fomento 1959-1964, Parecer da Secção de Electricidade e Combustíveis*, Caderno Técnico N.º 2 N.º 8, Out.-Dez., 1958.
- *Rumos de um Electrotécnico de Correntes Fortes*, *ELECTRICIDADE* n.º 46, Março-Abril 1967, ps. 81-87.
- *Depoimento* (Extracto de um discurso proferido em Maio de 1964 na inauguração dos Serviços do Laboratório Electrotécnico da Companhia Nacional de Electricidade),

ELECTRICIDADE n.º 60, Jul.-Agosto 1969, ps. 253.

Da leitura destes textos anotei que, exceptuando a primeira referência, todas as outras são motivo de reflexão nas múltiplas opiniões tecidas no *In Memoriam*. As ideias expressas devem ser meditadas, a par do tão famoso livro *Linha de Rumo*, cuja reedição espero com muita expectativa, pois ainda não tive oportunidade de o ler e já ouvi do actual Ministro da «Economia Real» (leia-se: «Indústria e Energia»), Eng.º Mira Amaral, a revelação pública de que fora um dos seus documentos de análise durante o seu (omnipotente) MBA (leia-se «Mestrado de Gestão», que alguns acham mais fino traduzir por «Administração de Negócios»).

Na evolução natural dos Engenheiros Electrotécnicos já hoje muitos se esqutceram da lei Ohm (não sou eu quem o afirma e só como caricatura acredito nisso) mas julgo que é salutar chamar a atenção para a conclusão final que se extrai do espólio literário de Ferreira Dias: foi um Engenheiro. Um Engenheiro muito culto, porque se ocupou dinamicamente com problemas fundamentais do seu tempo, nomeadamente na construção dos alicerces para a edificação do progresso em Portugal pela electricidade.

Uma componente imerecidamente esquecida, e por isso aqui estou a relevar essa falta, foi o cuidado com que se dedicou à profusão das obras de engenharia. Para isso fundou a revista *ELECTRICIDADE*. Não é comum encontrar-se uma pessoa ocupada com questões tão importantes para a sociedade que dispense parte das suas energias vitais na instituição de uma infra-estrutura de apoio à difusão das grandes com-

ponentes tecnológicas do exercício profissional. Mas isso aconteceu.

Para que conste aqui se reproduzem as palavras impressas na origem, no chamado Número de Apresentação da *ELECTRICIDADE* (que se costuma designar por Número zero).

Sem comentários, porque prefiro entregar as geniais declarações à reflexão na sua pureza nua. ■

Electricidade

APRESENTAÇÃO

A bibliografia técnica portuguesa tem sido sempre escassa — ainda quando cotejada no seu valor relativo ao número modesto dos habitantes ou à parcela da população activa dedicada a mesteres industriais. Dessa escassez, triste como chão maninho, emergem dois pontos singulares, exemplos saudáveis de constância a merecer uma palavra de apreço: as revistas dos estudantes das nossa duas escolas de engenharia. Pela perseverança com que sucessivas gerações recebem e transmitem, como dever que não se quer quebrar, a continuidade da obra, se lhes dirige uma lembrança de simpatia.

O alheamento em que longo tempo vivemos, acampados nesta esquina da Península, da maré de renovação industrial que encheu o centro da Europa no século passado fruto do apego mais sentimental que razoável, ao exclusivismo agrário que dominou o pensamento económico português até há poucos lustros, explica, por si só, a carência de literatura sobre temas de engenharia. Onde há pouca indústria ou indústria de pouco nível, não há quem escreva nem de que se escreva.

Acresce que entre nós e com excepções muito raras, os cultores da técnica não mostram empenho de cultivar com igual esmero e zelo o campo das Belas Letras ou, mais humildemente, o campo das Boas Letras, ainda que não sejam Belas. Esta pendente es-

piritual — melhor se dirá, esta falta de pendente — se não é vício da Escola, que exige perícia nas contas mas aceita como bons textos de bárbara sintaxe, será apenas o resultado da falta de tradição, com seu natural e duradouro atraso do efeito em relação à causa. Com uma outra origem — quando não com as duas — parece deformação a emendar; ter um pensamento útil, saber expô-lo e fazê-lo sem constrangimento é boa faceta no poliedro da cultura.

A última guerra, pelas dificuldades que nos criou e pelos exemplos que nos trouxe de fora, arejou a economia portuguesa; e algumas ideias de expansão industrial que viviam envergonhadas, por audaciosas, em meio excessivamente conservador, encontraram ambiente favorável, simultaneamente, na aceitação do Estado e na simpatia da Nação. Ocasão oportuna e necessária para melhoria da actividade editorial técnica — esta, por sua vez, oportunidade e estímulo para se dar a saber o que se pensa e estuda. E para que realmente se saiba, melhor é escrevê-lo que dizê-lo.

Desta mutação nasceram até agora as publicações do Laboratório Nacional de Engenharia Civil e o «Boletim de Normalização»; sobretudo as primeiras, pelo seu carácter criador em matéria de Ciência Aplicada, constituíram entre nós alguma coisa de novo e de bom.

Mas abraçando campos restritos, os casos apontados não podem resolver satisfatoriamente o problema português; outros domínios aguardam a sua hora.

*

Quando, em Julho de 1954, uma delegação portuguesa se deslocou ao Brasil para tomar parte na Conferência Mundial da Energia, reunida em Petrópolis, quadro inédito e grande se apresentou aos olhos dos delegados. Terra quase sem fim, onde só o avião consegue dominar as distâncias; rios caudalosos, cujas possibilidades hidroeléctricas excedem de longe a nossa escala habitual; montanhas onde, por fora, o sol renova espontaneamente a floresta e, por dentro, o minério de ferro se oferece generoso em quantidade e pureza; gente, a roçar pelos 60 milhões, a desenvolver vasto programa de fomento económico, a fervilhar ideias de progresso e grandeza, a falar português e a apregoar alto, até nos discursos oficiais da Conferência, a sua raiz lusitana.

Mas à atenção dos delegados revelou-se também que estes milhões, que sentem como nós, que têm os nossos defeitos e as nossas virtudes, que conhecem e admiram a História e a Literatura de Portugal — que também lhes pertencem — desconhecem o estado da nossa técnica, tão inteiramente como nós desconhecemos o da sua. Não há que recriminar mas que verificar